

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Liberal

Class.: 35

Data: 5 de julho de 1983

Pg.: _____

Lucio Flavio Pinto

1968

As frentes do Jari

A Companhia do Jari está travando batalha em duas frentes, uma interna e outra externa. Dentro de seus próprios limites, a empresa busca a acomodação dos interesses, já não tão harmônicos como poderiam parecer, dos 23 grupos econômicos que a fundaram, em janeiro do ano passado, para ser a sucessora de Daniel K. Ludwig.

Há rumores de que um dos 23 cotistas, a Eluma, pretende sair da Companhia do Jari, dando um exemplo que poderia vir a ser seguido por outros sócios. Cada um deles tem seus motivos particulares para pensar na retirada, mas há uma convergência de raciocínios comuns. Quase todos eles entram no Jari de olhos fechados: atenderam a um chamamento do Presidente da República para assumir um compromisso. Não puderam dizer que não, nem fazer um estudo prévio antes de decidir.

Agora que estão dentro, vários desses sócios acham que entraram numa fria. Ou, pelo menos, não pegaram um bom negócio. O retorno de seus investimentos, se ocorrer, será lento. Eles estariam muito melhor empregados em outros empreendimentos ou, sem qualquer dúvida, no mercado financeiro. Retorno garantido e o mais imediato possível é o que buscam, indiferentes à qualidade do negócio, a maioria dos cotistas da Companhia do Jari. E isso eles não terão ali. Este é o motivo de sua relutância na integralização do capital que subscreveram.

Não é só a incerteza da remuneração ao dinheiro aplicado que os inquieta, porém: é também a falta de poder efetivo dentro da companhia. Acham que a decisão está concentrada nas mãos do grupo Antunes, que, com 40% das ações (integralizadas não em dinheiro, mas com outras ações — e da única empresa já rentável do grupo Jari, a Cadam), comanda todos os elos do projeto.

É justamente o grupo Antunes que tenta desfazer essa má imagem, através de iniciativas como a viagem feita na semana passada por uma comitiva de autoridades federais e estaduais. Os dirigentes da Jari procuraram demonstrar que já a partir do próximo ano a empresa estará funcionando com superávit operacional, como qualquer empreendimento privado, desfrutando de uma margem de retorno apreciável.

Para que isso ocorra, no entanto, a Jari precisa vencer uma outra batalha na frente externa, convencendo alguns órgãos gover-

namentais — especialmente o Banco do Brasil e o BNDES — a se associarem na amortização do pesado endividamento externo do projeto. Com sua receita própria, o empreendimento não tem condições de pagar seu custo direto e as parcelas dos financiamentos contraídos. Operará em um vermelho sangüíneo.

Durante a visita, a preocupação dos executivos da Jari era convencer as autoridades de que estavam diante de um projeto sério, de grande importância para o país, e plenamente viável. Para causar boa impressão, seria indispensável estabelecer contrastes em relação ao lay-out do projeto anterior, que Ludwig configurou. E não faltaram exemplos nesse sentido.

Algumas mudanças bem simples no processo de produção poderão resultar em expressivas economias. Com mais quatro ou cinco quilômetros de linhas férreas, que forem construídos, os vagões depositarão a madeira diretamente no picador (que prepara os cavacos para a fábrica de celulose e para a usina de energia), dispensando os imensos lamber-jack, máquinas importadas de operação dispendiosa e com peças caríssimas (um pneu custa oito milhões de cruzeiros). Os vagões também não precisarão mais levar as padiolas de aço, dentro das quais é arrumada a madeira que os lamber-jack retiram, ganhando mais 30% de peso para carga.

A nacionalização de máquinas e equipamentos, tendo atingido seis mil itens, provocou uma queda nos dispêndios com importação, dos 7,3 milhões de dólares, que estavam previstos para o ano passado, para US\$ 3,7 milhões. Neste ano, as importações ficarão em US\$ 2,2 milhões e, a partir do próximo ano, serão eliminadas.

O programa de eliminação dos derivados de petróleo poderá ser plenamente realizado se for construída uma hidrelétrica no rio Jari, ou reduzido significativamente através da gaseificação do carvão e da madeira, que está em estudos. O suprimento de cavacos será feito através de uma solução engenhosa para o grupo Antunes, que poderá abastecer o Jari por meio de seus plantios de pinus do Amapá.

Negócios complementares já estão sendo desenvolvidos. A Jari está vendendo e transportando brita para a Mineração Rio do Norte. No retorno das embarcações que vêm do Trombetas, traz calcário das próprias jazidas da empresa em Monte Alegre, reduzindo a um terço o custo de cada tonelada, antes adquirida em Minas Gerais.

Numa viagem tão rápida como a que a comitê oficial fez na semana passada, esses relatos impressionam bem, servindo para atestar a linha divisória transposta pelo projeto. Agora, é preciso checar os números e conferir as informações, tarefa que provavelmente está sendo executada nos dois fronts em que se defronta atualmente o Jari.